

EDITORIAL

Este quarto número dos *Cadernos GEPE* vem à tona numa conjuntura nacional e internacional muito polêmica, mas também muito promissora: Donald Trump assumiu, pela segunda vez, em 20 de janeiro de 2025, o poder nos Estados Unidos e declarou, imediatamente depois, uma “guerra” interna contra migrantes e contra todos os direitos sociais adquiridos pela população americana, enquanto também declarou uma “guerra” comercial externa, impondo taxas exorbitantes sobre produtos comercializáveis a todos os países do mundo. Em especial, os países do BRICS, em particular o Brasil, diante dessa atitude inusitada e autoritária da administração Trump, se articulam para fortalecer o emergente protagonismo do dito Sul Global, no cenário mundial, e isso contraria ulteriormente o atual presidente dos Estados Unidos.

Internamente, há perspectivas esboçadas do governo democrático do Brasil se erguer em defesa da Constituição e da soberania, e se confrontar, em nível mundial, com o imperialismo norte-americano. As forças da extrema direita, internacionalizadas, se veem contrastadas por ações juridicamente fundamentadas que vêm levando à punição devida aos responsáveis pela tentativa de golpe em 08 de janeiro de 2023. A prisão dos responsáveis pelo terror daquele dia está caracterizando o cenário atual, somada à prisão domiciliar do principal imputado criminalmente por tais atos, Jair Messias Bolsonaro¹.

Vivemos assim, no Brasil, dias tensos, mas também cheios de esperança em dias melhores, nos quais almeja-se que os princípios da justiça e da equidade possam sair vencedores nesta “guerra” que escancara a arrogância da supremacia dominante, historicamente detentora de poder sobre as massas e sobre os mais vulneráveis. A resistência ética se faz ecoar na desconstrução de *fake News* e práticas manipulatórias, propositalmente difundidas, alienando desavisados, enquanto o Supremo Tribunal Federal, na pessoa do ministro Alexandre de Moraes, assume a bandeira da defesa da Legalidade e da Justiça, em sintonia com a postura ético-política do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de todos aqueles e aquelas que abominam os tempos de ditadura que o Brasil sofreu, num passado não tão remoto, com o apoio e o patrocínio dos governos estadunidenses.

Este número dos *Cadernos GEPE*, no mais, traz à tona um fato muito significativo: trata-se da comemoração de três décadas de criação do Movimento pelo Intercâmbio entre o Serviço Social Brasileiro e o Italiano e coincide com a nossa estadia, enquanto professora visitante na *Università La Sapienza di Roma* entre maio e julho de 2024. Isso nos traz à memória os primeiros contatos com assistentes sociais italianas, ocorridos nos anos noventa do século XX, quando de nosso doutorado em filosofia na *Pontificia Università Salesiana di Roma*. Àquela época, conhecemos a assistente social

¹ “O Supremo Tribunal Federal (STF) publicou nesta quarta-feira (22 [de outubro de 2025]) o acórdão - decisão colegiada - que condenou o ex-presidente Jair Bolsonaro a 27 anos e três meses de prisão por crimes contra a democracia, entre outros”. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-10/decisao-que-condenou-bolsonaro-e-publicada-cabe-recurso-pela-defesa>>. Acesso em 25 out. 2025.

italiana, Anna Cavallone², que contribuiu significativamente para a revisão do italiano da nossa tese de doutorado, intitulada *La Centralità Dell'etica nella Riprogettazione dello Stato Sociale*. Conhecemos também, alguns anos mais tarde, a assistente social italiana, Paola Rossi³, na época Presidente da Ordem dos Assistentes Sociais Italianos, que nos apresentou o *Codice Deontologico dell'Assistente Sociale* (Código de Ética Italiano), que na UFPE, a partir do ano 2000, utilizamos como objeto de estudo do *Curso de Formação para o Intercâmbio*, que, por anos, preparou estudantes brasileiros para interagir academicamente com o Serviço Social e a Sociologia Italiana, coordenado por Lúcio Mustafá, nas dependências do Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Também, protagonista central desse movimento pelo intercâmbio, foi e tem sido a assistente social italiana Maria Lorenzoni Stefani, então professora de Serviço Social da *Università La Sapienza di Roma*. Ela tem sido nossa principal parceira e referência durante todos esses anos de Intercâmbio. Através de Maria Stefani, conhecemos a professora da *Università Roma Tre*, Annamaria D'Ottavi, que também passou a exercer um papel significativo no âmbito desta interlocução binacional e que, por sua vez, nos apresentou ao então coordenador do Departamento de Ciências da Formação, daquela universidade, que abrigou posteriormente o doutorado em Serviço Social, o sociólogo e professor Roberto Cipriani, também referência imensurável nessa trajetória de diálogo entre o mundo acadêmico brasileiro e o italiano.

Através destas personalidades dialógicas e engajadas, social e academicamente, realizamos pesquisas conjuntas, encontros e cursos binacionais, no Brasil (UFPE) e na Itália (Roma Tre) sobre ética, pesquisa e direitos humanos; sobre o *Progetto M'Imprendo* (Itália) e o PROJOVEM (Brasil) e conhecemos o pai da sociologia italiana, Franco Ferrarotti, a quem entrevistamos sobre o produzir científico do conhecimento social e suas relações acadêmicas com o Brasil. Destacamos ainda a nossa relação com a pedagoga Patrizia Giganti, que tem grande participação na assistência social prestada aos mais vulneráveis na Prefeitura de Roma. Publicamos livros: *Sintesi delle Conferenze e delle Ricerche per il Lavoro nel Servizio Sociale Brasiliano* (2005); *O Ser Social* (2012).

O Intercâmbio foi ampliado com a realização dos doutorados das professoras Salyanna Souza e Gisele Anselmo, cujas teses foram orientadas, respectivamente, por Annamaria D'Ottavi e Claudio Tognonato (então professores da *Università Roma Tre*) e as pesquisas conjuntas também se ampliaram. Através delas, conhecemos Fabio Perocco, professor da *Università Ca'Foscari di Venezia* e, naquela universidade, realizamos palestras em Missão de trabalho em 2019. Tivemos contatos com uma das matriarcas do Serviço Social italiano, a Profa. Dra. Milenna Diomedi e, finalmente, com Annamaria Campanini, que nos introduziu na dimensão do Serviço Social Mundial, a partir de sua atuação como presidente da Associação Internacional de Escolas de Serviço Social – IASSW-AIETS.

² Anna Maria Cavallone teve um papel importante na consolidação do serviço social italiano, especialmente no que diz respeito à sua dimensão internacional. Após se formar em Línguas e Literaturas Estrangeiras, formou-se como assistente social em 1952.

³ Paola Rossi, primeira presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Assistentes Sociais Italianos.

Neste contexto, emergem nova pesquisa conjunta, agora de âmbito plurinacional: com a Espanha, a Argentina e a Suécia, além da Itália, intitulada: *Teoria e prática do Serviço Social no Mundo em tempos de pandemia*, que gerou o livro *Il Servizio Sociale durante la Pandemia: presa di coscienza, teoria e pratica* (2025). E a colega acima citada, Maria Stefani, sempre grande conselheira e apoiadora do Intercâmbio, nos apresentou ao professor da *Università La Sapienza di Roma*, Dr. Lluís Francesc Peris Cancio, que se engajou imediatamente nessa pesquisa, dando a ela grande incremento. Ele em seguida, veio ao Brasil na qualidade de professor visitante da UFPE e, posteriormente, se tornou nosso anfitrião quando da nossa ida à Roma na qualidade também de professora visitante, em 2024.

Na atualidade, nosso leque de atuação se ampliou através das profícuas relações em andamento com as professoras da *Università di Torino*, Marilena Dellavalle (reconhecida historiadora do Serviço Social), Carlotta Mozzone e Maddalena Floriana, jovens, pesquisadora e professora respectivamente, que já se inserem no ambiente internacional das pesquisas interinstitucionais dentre outros insígnies professores. Essas três últimas citadas, e também o apenas citado Prof. Lluís Peris Cancio, se congregam hoje conosco na equipe da pesquisa *Internacionalização e Regionalização da Formação em Serviço Social: Uma Análise Histórica da IASSW-AIETS*, aprovada pelo CNPq, em conjunto com as professoras brasileiras Marina Guimarães Gondim, Salyanna Souza e Gisele Anselmo, além da professora portuguesa Cristina Albuquerque.

No mais, muitas outras personalidades passam a fazer parte dos contatos advindos do Movimento pelo Intercâmbio entre o Serviço Social Brasileiro e aquele Italiano, numa interação recíproca de italianos/as e brasileiros/as, que compõem um rol de outros intelectuais de grande relevância, podendo ser citados/as: do lado italiano: Elena Adessi, Rita Andrenacci, Aurora Righetti, Nunzia Bartolomei, Silvana Giraldi, Elisabetta Neve, Silvia Fargion, Mara Sanfelici, Stefania Wyss; e do lado brasileiro vêm se aproximando mais e mais do campo de conhecimento do serviço social italiano os professores: Helena Chaves, Ana Arcoverde, Rosa Cortes, Elizabeth Alcoforado, dentre tantos e tantas outras.

O motivo-chave para estamos apresentando, neste editorial, o Movimento do Intercâmbio Brasil-Itália, quando do quarto número da Revista *Cadernos GEPE*, num desdobramento que essa movimentação tomou a partir de 2024, quando da nossa ida como professora visitante para a Itália, é que ele hoje se encontra numa renovada fase, pois os sucessivos acontecimentos, todos relacionados com esse projeto de interação plurinacional têm gerado importantes desdobramentos, como por exemplo nossa participação no Encontro de Pesquisadores e Assistentes Sociais Italianos, ocorrido na cidade de Lecce (junho 2024), quando, ao proferir ali uma palestra sobre a citada pesquisa da pandemia, convidei os presentes a estreitar conosco os laços entre os nossos Serviços Sociais através do lançamento de um número da Revista *Cadernos GEPE*, dedicado a esse novo vínculo, visando criar a oportunidade de refletirmos juntos sobre os desafios da profissão em ambos os países. Assim, os nossos leitores perceberão que muitos autores deste número são italianos e muitos também são brasileiros. Além disso, perceber-se-á que os artigos aqui estão sendo publicados em ambas as línguas (português e italiano,

além de alguns em espanhol e em inglês). Portanto, com o presente número é chegada a hora de realizarmos aquele propósito e de lançarmos luz sobre as nossas reflexões a respeito de tais desafios.

Após termos tido décadas de contato com o Serviço Social Italiano, nos interessando do processo de formação dos profissionais, promovido pelas escolas; tivemos várias conversas formais e informais com professoras e profissionais protagonistas daquele serviço social, que nos deram informações claras sobre os desafios que ali a profissão enfrenta, num processo dialético, que se metamorfoseiam com o passar dos acontecimentos, mas que, em síntese, não nos deixa dúvida de que se pode dizer, com precisão, que o Serviço Social Italiano vivencia um drama acadêmico significativo, diante do influxo da sociologia hegemônica desde sempre na Itália. Trata-se de dificuldades que não puderam ainda ser completamente superadas, apesar dos avanços ocorridos com a realização da Conferência de Bologna (1999) e de tantas conquistas no campo acadêmico, como o recente reconhecimento do alto nível da *Rivista di Servizio Sociale* e a progressão profissional de tantos professores assistentes sociais italianos para o nível de Professor Ordinário que representa um grande avanço do serviço social na academia.

Percebemos, dentre outras coisas, que na Itália o Serviço Social tem consciência de se encontrar numa situação que o deixa carente de uma formação voltada para a sua institucionalização em paridade de reconhecimento com os demais cursos que lidam com a análise do social, como se a análise social fosse uma atribuição única e exclusiva da sociologia positivista. Os envolvidos na formação em serviço social parecem ter optado por uma aceitação "provisória" e estratégica dessa situação incômoda, com o objetivo de obter, no futuro, o reconhecimento do Serviço Social em pé de igualdade com a sociologia, mantendo, ao mesmo tempo, suas características próprias.

No nosso parecer, é possível que o consenso implícito estabelecido, hoje, na Itália, carente de uma criticidade ampla e irrestrita, segundo o qual não haveria outra teoria concorrente àquela positivista, capaz de explicar a questão social de modo tão ou mais eficaz que ela mesma, estaria deixando o serviço social sem alternativa, pois lançar mão das descobertas marxianas, no campo da economia política, encontra, em geral ali, obstáculos narrativos automatizados no *corpus* oficializado do discurso sobre o social. Enquanto no serviço social brasileiro, a partir do Congresso da Virada e de seus desdobramentos, conquistou-se uma maior autonomia em relação à sociologia positivista instalada na nossa academia, que se nega a confrontar-se sem preconceitos propagandísticos de proveniência neoliberal; que se fundamenta exatamente nessa economia política. Nesse sentido, nosso encontro e nosso diálogo: serviço social italiano e brasileiro, é promissor pois pode propiciar para os colegas italianos elementos para a busca de uma saída da situação que os aprisiona num campo conceitual sem alternativas e sem liberdade real de análise crítica.

Isso faz com que o serviço social na Itália priorize o reconhecimento das suas dimensões técnico-operativa e teórico-metodológica, sem se concentrar demoradamente nos seus fundamentos. Nos parece, nesse âmbito da análise, que seria conveniente

focalizar os preconceitos que possam ter a sua gênese na divisão social do trabalho e do saber, na constituição de profissões como o serviço social dentre outras, no âmbito da visão positivista.

Isso não quer dizer, que o serviço social italiano não tenha um alto nível profissional e não tenha tanto para ensinar para o serviço social brasileiro quando se trata de prestar assistência a quem tem direito dela de modo muito completo e decisivo. Ao contrário, nosso encontro com o serviço social italiano nos tem feito debruçar sobre as situações específicas e o seu enfrentamento pontual de modo magistral, pois o ter focado por todos esses anos que vão do fim da segunda guerra mundial até hoje sobre as dimensões técnico-operativas e teórico-metodológicas lhe deram uma expertise singular no trato para com as expressões da questão social. Coisa que se reflete nas muitas narrativas, por exemplo, presentes nos números da *Rivista di Servizio Sociale*, onde profissionais excelentes dão relatos detalhados de resultados otimais no enfrentamento de diversas situações específicas, de modo que, os anos nos quais o Estado Social vigorou com toda a sua pujança na Itália, as oferta de serviços para os vulneráveis foi algo tão admirável que nos pode inspirar grandemente.

Diante disso, se percebe que a imposição subordinadora, que tal divisão social do saber impõem, caracteriza-se pelo nascimento exógeno da profissão, ou seja, pela sua criação, nos finais do século XIX e início do século XX, motivada pela necessidade do sistema capitalista de levar os trabalhadores subordinados a aceitarem tal subordinação, enquanto, recebendo algumas benesses através do serviço social, venham a se conformar com a vida heterônoma, isto é: sem autonomia, e sem autodeterminação e não dessem ouvidos aos movimentos sindicais em plena avançada naqueles tempos.

Como a teoria marxiana, acolhida pelo serviço social brasileiro, rompe e coloca em dúvida a autenticidade daquela subordinação dos trabalhadores pelos patrões, ela terminou também propiciando que se colocasse em xeque a subordinação do serviço social a uma sociologia dependente do capital que, no fim das contas, atua para adequar o homem ao seu injusto modo de produção, elidindo o fato daquele modo de produção ter sido capciosamente construído por quem o domina ideológica e praticamente.

Isso fez nascer no cerne do serviço social brasileiro, difundindo-se também para aquele latino-americano, durante o século XX, uma nova atitude epistemológico-prática que propiciou no mais um amadurecimento ulterior dos/das intelectuais formadores da profissão.

Apesar da barreira ainda existente entre os serviços sociais dos dois lados do Atlântico, a onda democrática emersa no pós-segunda guerra vem permitindo que mais e mais interações teórico-acadêmicas se estabeleçam entre assistentes sociais italianas e brasileiras.

Aquela citada atitude submissa induzida pelo capital aos serviços sociais europeus que não fundam a análise teórica das estruturas sociais, como uma dimensão

indispensável para a prática do serviço social, começa a entrar em crise e no seu lugar centelhas dialogais têm sido inauguradas.

Como dissemos anteriormente, a partir da análise de diversas produções italianas de serviço social, podemos entrever que se considera, em geral, necessário reconhecer que o Serviço Social italiano é prevalentemente uma profissão que privilegia a dimensão técnico-operativa e teórico-metodológica em detrimento das grandes análises possíveis através dos instrumentais da economia política. Em geral os/as assistentes sociais italianos/as reconhecem que para o Serviço Social Italiano, aquela situação de dependência da sociologia é incômoda,

Desse modo, nós assistentes sociais brasileiros/as que somos formados/as num clima que acrescenta a dimensão ético-política ao rol das dimensões tradicionalmente aceitas para o serviço social, temos uma contribuição solidária importante a dar para nossos/as colegas da Itália, nos interrelacionando num processo simultâneo/dialético e livre de produção do conhecimento e ação.

Esse número dos Cadernos GEPE quer ser um desses momentos de interação estudiosa, pois muito também temos que aprender com o fazer serviço social na Itália, como dissemos anteriormente.

Essa nossa análise, vem ratificada pelos tantos testemunhos analíticos da conjuntura atual do Serviço Social Italiano que nos oferece Annamaria Campanini através de suas tantas declarações, por exemplo, como no seu artigo: *O Serviço Social na Itália: problemas e perspectivas*, publicado em português na Revista Serviço Social e Sociedade:

[...] o fato de o Serviço Social não ser reconhecido como uma disciplina autônoma, mas de ser considerado parte da Sociologia Geral, implica que sociólogos com cadeira na universidade podem ministrar cursos de Serviço Social (por exemplo, Princípios de Serviço Social ou Métodos de Serviço Social), ainda que não tenham nenhum conhecimento específico ou experiência nesse campo.⁴

Este, assim, se demonstra um dos vértices dos desafios do Serviço Social Italiano: *a subordinação acadêmica à sociologia*, apesar de todo o rigor teórico-metodológico que orienta a produção intelectual e a prática dos assistentes sociais italianos, a sociologia paira como o parâmetro sem o qual não se pode teorizar, nem intervir autonomamente. A esse respeito, também o grande sociólogo Franco Ferrarotti já anunciava, em entrevista em vídeo⁵ concedida, em 2021, à assistente social Maria Lorenzoni Stefani, que a sociologia se mantém distante do real, no mundo das teorias, lhe falta concretude e, por isto, peca por excesso de abstracionismo. O Serviço Social tem os pés no chão, o contato cotidiano com a realidade, e isso lhe confere, sempre no dizer de Ferrarotti, autoridade

⁴ CAMPANINI, Annamaria. *O Serviço Social na Itália: problemas e perspectivas*. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 108, p. 639-655, out./dez. 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/54150731/O_Servi%C3%A7o_Social_na_It%C3%A1lia_problemas_e_perspectivas?email_work_card=view-paper>. Acesso em: 31 out. 2025.

⁵ Cfr.: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IMFn7VwTKGA&t=20s>>. Acesso em: 01 set. 2025.

para pensar, analisar e produzir teorias sobre o real. Sem as amarras da sociologia que nos parece não ter abandonado os preciosismos positivistas, o Serviço Social Italiano, teria um espaço autônomo e seguro no interior das academias.

Mas isso é uma luta histórica, pois a sociologia também para se afirmar como ciência, na sua época, travou intensos e conflituosos debates com a filosofia, que não a via como ciência autônoma, mas como parte integrante e indissociável sua.

Convém, neste ponto, lembrarmos dos albores da sociologia, no início do século XIX, quando o positivismo a institui. Com isso, se estabeleceu uma disputa na fronteira entre filosofia e a ciência nascente, ocorrida naquele limiar no qual a sociologia se imporá não sem ousar quebrar paradigmas, apesar de seus equívocos positivistas. Vejamos o que nos disseram a tal respeito Reale e Antiseri:

Diferentemente do idealismo [característico do pensamento filosófico da época], no positivismo se reivindica o primado da ciência: nós conhecemos somente aquilo que as ciências nos fazem conhecer, e o único método de conhecimento é o das ciências naturais [...] por isso a sociologia, entendida como ciência dos “fatos naturais” que são as relações humanas e sociais, é fruto qualificador do programa filosófico positivista. [...] O fato de que a ciência é colocada pelos positivistas como o único fundamento sólido da vida dos indivíduos e da vida associada, que é considerada garantia absoluta das sortes progressivas da humanidade, que o positivismo se pronuncia a favor da “divindade” do fato – tudo isso induziu alguns estudiosos a interpretar o positivismo como parte integrante da mentalidade romântica. (REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *Filosofia: Idade Contemporâneas*. São Paulo: Paulus, 2018. Coleção Filosofia, p. 126-127).

Nesse contexto, pode-se evidenciar que a economia-política precedeu a chegada em cena da sociologia nos tempos modernos, como nos ensina Roberto Cipriani no seu *Nuovo Manuale di Sociologia*:

Tra le scienze sociali, la prima ad acquisire un proprio statuto autonomo fu l'economia politica, ma possiamo tranquillamente considerare i primi grandi economisti classici (ad esempio, Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx) anche come precursori della sociologia, per un certo verso essi sono dei sociologi *ante litteram*, in quanto riflettono sulle trasformazioni che stavano avvenendo in Inghilterra tra XVIII e XIX secolo (la nascita della manifattura e della fabbrica capitalista) e le interpretano alla luce dei rapporti tra i gruppi sociali coinvolti nel processo produttivo: alle categorie economiche della terra, del capitale e del lavoro corrispondono le classi sociali dei proprietari terrieri, degli imprenditori capitalisti e dei lavoratori salariati, che percepiscono rispettivamente rendite, profitti e salari. (CIPRIANI, p. 4)⁶

⁶ Entre as ciências sociais, a economia política foi a primeira a adquirir um status autônomo próprio, mas podemos facilmente considerar os primeiros grandes economistas clássicos (por exemplo, Adam Smith, David Ricardo e Karl Marx) também como precursores da sociologia. Em certo sentido, eles são sociólogos *ante litteram*, na medida em que refletem sobre as transformações que ocorreram na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX (o surgimento da manufatura e da fábrica capitalista) e as interpretam à luz das relações entre os grupos sociais envolvidos no processo de produção: as categorias econômicas de terra, capital e trabalho correspondem às classes sociais de proprietários de terras, empresários capitalistas e trabalhadores assalariados, que recebem, respectivamente, rendas, lucros e salários. (CIPRIANI, p. 4)

Convém ressaltar, neste contexto, que a abordagem central da história da sociologia geral, e da sociologia italiana, em particular, privilegia os autores positivistas e, de fato, não reconhece a tradição marxiana como pertencendo ao seu *corpus* teórico. Indício disso é o fato que Marx vem citado, muitas vezes, pelos atuais sociólogos, a partir da referência que os seus intérpretes da Escola de Frankfurt fizeram dele. Esta constatação foi explicitada em seminário específico sobre a História da Sociologia Italiana, quando da nossa estada, enquanto professora visitante na Universidade La Sapienza de Roma. O recurso à chamada “teoria crítica”, muitas vezes, obnubila a essência do pensamento marxiano enviesando por uma leitura questionadora e pessimista a respeito dos avanços tecnológicos da modernidade, interpretando-o como fonte de todos os males da sociedade e assim obscurecendo a contribuição que uma análise dialética poderia trazer à luz para interpretar as verdadeiras raízes da *questão social* que, no mais, é o objeto por excelência de estudo/intervenção do Serviço Social. Essa evidente intrusão, banhada de positivismo, se encontra muitas vezes no Serviço Social Brasileiro quando autores, até eminentes e históricos formadores, priorizam a teoria crítica, em detrimento da valorização aprofundada da contribuição original de Marx e de sua perspectiva materialista histórico-dialética.

Neste sentido, concordamos com Reale e Antiseri quando afirmam que:

Claro, os grandes males da sociedade industrial não tardarão em fazer-se sentir (desequilíbrios sociais, lutas pela conquista dos mercados, condição de miséria do proletariado, exploração do trabalho infantil etc.). Esses males serão diagnosticados pelo marxismo numa direção diferente da dos positivistas, os quais, embora não ignorando de forma alguma esses males, pensavam, todavia, que estes logo desapareceriam por serem fenômenos transitórios elimináveis pelo crescimento do saber, pela instrução popular e pela riqueza. (Reale; Antiseri, 2018, p. 126).

Essa constatação de Reale e Antiseri ratifica esse trecho da nossa análise e nos autoriza a nos perguntarmos se o abandono dos estudos originais de Marx e a priorização dada aos intérpretes da Escola de Frankfurt, não representaria uma adesão à influência exercida por Althusser no interior do marxismo, na medida há indícios suficientes para se levantar a hipótese dele ter distorcido a contribuição de Marx para a crítica da economia-política, caracterizando-o essencialmente como anti-humanista, na maturidade, quando escreveu *O Capital* e ingênuo na juventude quando escreveu os *Manuscritos Econômico-filosóficos*. Estas considerações são apresentadas por nós em nosso livro, *Ética nel Servizio Sociale Brasiliano* (2021⁷), quando defendemos o Marx na sua inteireza: um pensador ético e humanista em todas as suas obras, projetando um mundo no qual a emancipação humana representará, no futuro, a concretização perenizada da justiça, entendida por ele como *a cada um de acordo com suas necessidades, de cada um de acordo com suas potencialidades*.⁸

⁷ Disponível em: <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/432/442/1305?inline=1>>. Acesso em: 02 nov. 2025.

⁸ Cfr. MARX, Karl. *Crítica ao Programa de Gotha*. p. 33. Disponível em: <<https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/marx-e-engels/critica-do-programa-de-gotha.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2025.

Em recente livro lançado na Conferência Europeia de Serviço Social, Annamaria Campanini aponta para o grande desafio do Serviço Social, enquanto profissão mundialmente reconhecida: estabelecer o vínculo entre o global e o local, entre o universal e o particular. Esse nos parece um grande desafio e, talvez, esteja na dialética, a solução para tal dilema: quando a dialética propõe a totalidade como ponto de partida e de chegada para se analisar e se atuar nos fenômenos localizados, particularizados, as chamadas “expressões da questão social”, como falamos aqui no Brasil.

Mas a autoridade da sociologia não permite ao Serviço Social Italiano alçar voo para além das teses funcionalistas e enveredar pelos caminhos da teoria dialética, sem passar pela Escola de Frankfurt, que também a definiu apenas como “teoria crítica”, delegando-lhe um papel apenas pessimista na análise do real.

Annamaria Campanini também falou sobre o assistente social como “ator político” e sua trajetória no âmbito do Serviço Social Mundial lhe dá toda a autoridade para reconhecer esta dimensão, especialmente se estamos vivendo uma época em que a dimensão política repercute frontalmente na direção do fazer profissional e nas determinações das manifestações dessas determinações nos casos e comunidades em que atuamos.

Esta conexão entre estrutura/conjuntura e as situações que se apresentam no cotidiano profissional requer uma visão política e analítica que modifica o fazer profissional. E este fazer profissional não pode estar dissociado de uma visão de totalidade. Ser “ator político” é também atuar na estrutura, em nível mais amplo, na definição de políticas sociais, nas causas dos problemas sociais. E nenhum sociólogo teria condições de fazer isso, desprovido da bagagem dos assistentes sociais.

Mas parece que o “mercado” quer determinar o fazer profissional dos assistentes sociais: quando de nossa visita à Roma Tre (2019), o sociólogo Marco Burgalassi expressou isso de maneira contundente – “o mercado vai definir o que o assistente social deve fazer e pesquisar”. Esta é uma constatação do fato que o neoliberalismo restringe cada vez mais os benefícios, serviços e políticas sociais para os usuários e a atuação do profissional de Serviço Social, consequentemente, é mais limitada. Todavia, o mercado também está definindo o que os sociólogos devem pesquisar... E assim, ambos – Serviço Social e sociologia – se veem ameaçados pela supremacia do mercado. Isto está posto para todo o mundo, mas não significa que, pelo fato de estar posto, nós não podemos não “obedecer” ao mercado. Por isto, a autonomia do Serviço Social, enquanto disciplina acadêmica, se faz mister e urgente. Não apenas na Itália, mas em todo o mundo.

Por todas estas razões, este número dos Cadernos GEPE é um convite à reflexão, ao debate sobre os desafios e sobre o significado do Serviço Social na conjuntura mundial.

Quanto ao conteúdo, esta edição se abre com o artigo do sociólogo e professor Roberto Cipriani, intitulado *O Curso de Doutorado em Serviço Social na Università Roma TRE*, que evidencia o avanço do serviço social na Itália, especialmente em Roma e no Lácio, ressaltando a importância dos cursos de doutorado para a qualificação

profissional e acadêmica. Esse artigo destaca o pioneirismo da Universidade Roma Tre e a criação de programas voltados para a pesquisa e formação continuada. No mais, Cipriani ressalta, ainda, a necessidade de fortalecer a ampliação dos cursos de doutorado em serviço social na Itália. Em seguida, temos o artigo *A Desigualdade Insuportável, a Igualdade Possível e a Ação dos Serviços Sociais* de Lluís Francesc Peris Cancio, no qual ele expõe sua tese a partir da apresentação de um panorama de obras essenciais sobre justiça, igualdade e pluralismo social, destacando diferentes abordagens teóricas e críticas. Autores como Rawls, Sen, Salles e Walzer ampliam a discussão sobre direitos, capacidades e distribuição de bens sociais. Esse conjunto evidencia a complexidade e a interseccionalidade dos debates contemporâneos nessas áreas. Segue-se o artigo de autoria de Elena Addressi, *Equidade Social na Pandemia: população migrante e assistentes sociais*, que aborda dois temas-chave para o serviço social no mundo: pandemia e migração, enfocando o contexto italiano. Ela potencializa as intervenções profissionais utilizadas pelos assistentes sociais para implementar o mandato institucional do serviço e aquelas para apoiar os direitos da população migrante na fase 1 da emergência desencadeada pela disseminação do vírus COVID-19. Ainda neste contexto da abordagem da questão da migração, vem o artigo de Marika Veneziano e Branconi, *Menores Estrangeiros Desacompanhados e Acolhimento Familiar: A narração de uma história nascida do relacionamento entre o Serviço Social do Município de Macerata e toda a comunidade*, apresentando uma experiência prática no âmbito do serviço social com a população migrante e o programa de adoção de crianças e adolescentes pela população italiana. Logo após, temos o artigo de Mustafá, Anselmo, Gondim e de Souza Silva, *Código de Ética e Internacionalização: Direitos humanos e nova ordem societária*, que analisa princípios fundantes do Código de Ética do Serviço Social de 1993, num contexto de internacionalização e indispensável defesa dos direitos humanos, destacando sua relevância na prática e formação profissional. Segue-se o artigo de Ramsay e Choma, *Ubuntu e Transformações Necessárias na Evolução das Declarações dos Princípios Éticos da IFSW*, no qual os autores exploram a necessidade de mudanças transformacionais nos princípios éticos da profissão de assistente social, particularmente à luz da influência emergente da filosofia africana Ubuntu. Então publicamos o artigo de Marina Gondim, *Extrema Direita e Serviço Social no Brasil: Tendências na Produção Científica e Implicações Ético-Políticas*, que analisa as principais tendências na produção científica sobre a extrema direita no Serviço Social no Brasil, considerando o impacto dessas ideologias na prática profissional e nas políticas sociais. Apresentamos ainda o artigo de Danielle Soares, intitulado: *Serviço Social em Tempos de Neoconservadorismo: A reafirmação do materialismo histórico-dialético como resistência*, que tem como objetivo apontar a importância da reafirmação do materialismo histórico-dialético na profissão em tempos de neoconservadorismo. Segue-se o artigo de Lucilene Barbosa, *Serviço Social nos Estados Unidos e no Brasil: Gênero, Feminismo e Construções Teóricas na Prática Profissional*, que analisa as semelhanças e diferenças entre os contextos do Serviço Social nos Estados Unidos e no Brasil, com foco nas questões de feminismo, gênero e interseccionalidade. Apresentamos também o artigo de Azevedo e De Moura, *Ética e Negacionismo: reflexão do entrelaçamento do discurso político e religioso no governo Bolsonaro*, mostra como a ascensão da direita e da extrema-direita intensificou uma

atitude negacionista em relação às políticas públicas nacionais, em particular, no período da pandemia de Covid-19. Por fim, apresentamos o artigo de Barboza; Albuquerque e Gonçalves, *Envelhecimentos, Sofrimentos e Medicalização da Vida: Breves reflexões para o Serviço Social*, que apresenta reflexões sobre os determinantes sociais em saúde e interseccionalidade que vivenciam as diferentes velhices nos diferentes Brasis e ponderam sobre como o neoliberalismo atua na gestão do sofrimento e medicalização da vida, apontando reflexões ao Serviço Social.

Assim fica assegurada a perspectiva internacionalizante da Revista Cadernos GEPE e a sua centralidade na discussão ética.

Boa leitura!